



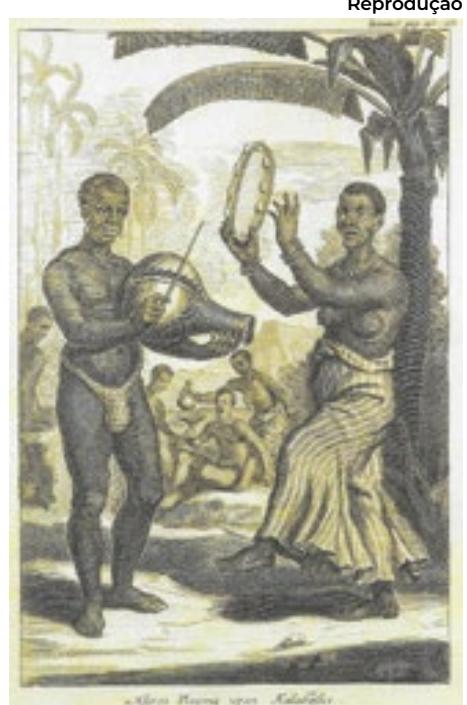
Acervo Correio da Manhã

Pedro de Alcantara (ao centro) e os Oito Batutas em imagem da primeira reportagem no Brasil que cita o pandeiro. A matéria foi publicada no Correio da Manhã em 1927



A pintura rupestre *Dança do Leopardo*, datada de 5800 a.C., encontrada em uma caverna da Turquia, é o primeiro registro de um pandeiro

Reprodução



Reprodução

A gravura 'Negro Tocando Cabaça e Pandeiro', do artista holandês Johan Nieuhof, é datada de 1640, sendo o primeiro registro da presença do instrumento no Brasil

Caminhada desde a antiguidade

Divulgação

O eixo histórico-sociológico da exposição percorre a trajetória do pandeiro desde suas origens ancestrais. O primeiro registro iconográfico do instrumento no mundo remete a uma pintura rupestre na Turquia, datada de mais de 5 mil anos. O pandeiro teria sido levado à Europa pelos mouros e, posteriormente, trazido ao Brasil pelos colonizadores portugueses. No Brasil, foi rapidamente adotado pelos escravizados e tornou-se parte fundamental das manifestações culturais afro-brasileiras. O primeiro registro imagético do instrumento no Brasil é um desenho de 1640 do holandês Johan Nieuhof, que também integra a exposição. A imagem mostra uma mulher escravizada com um pandeiro na mão.

A mostra também aborda a relação entre o pandeiro e o feminino. Símbolo de fertilidade, na Europa ele era predominantemente tocado por mulheres, mas essa tradição se perdeu com o tempo. A exposição resgata a importância das mulheres no universo do pandeiro e reflete sobre sua presença na percussão brasileira contemporânea, majoritariamente masculina.

Uma escultura encomendada ao artista Lucas Fininho entrelaça os temas capoeira, pandeiro, perseguição e portabilidade. Durante o período colonial e a República Velha, práticas culturais negras foram perseguidas, e o pandeiro passou a ser associado à vadiagem: quem os tocava em rodas de samba ou capoei-



Divulgação

O desenho 'Samba de Planície', de Marcelo Quintanilha, representa a presença do pandeiro nas rodas de samba realizadas nas comunidades



Instalação assinada por Bete Esteves e Luciana Maia homenageia Marcos Suzano, um dos grandes inovadores do pandeiro no Brasil

ra era alvo frequente da polícia. No entanto, essa marginalização contribuiu para que ele se tornasse parte essencial da capoeira, valorizado por sua portabilidade e sua capacidade de acompanhar os movimentos da luta. Nos anos 1930 e 1940, o samba, antes perseguido, tornou-se símbolo nacional. É nesse período que o pandeiro passa a ser reconhecido por seu sofisticado alcance rítmico e harmônico.

No eixo artístico, a mostra homenageia figuras fundamentais na consolidação desse símbolo da música brasileira. São apresentadas imagens como uma foto e um desenho em quadrinhos de João da Baiana. Também são lembradas figuras centrais como Jackson do Pandeiro, Jorginho do Pandeiro, Bira Presidente e Larissa Umayá.

Uma instalação de Bete Esteves e Luciana Maia homenageia Marcos Suzano, um dos inovadores do instrumento. Um mapa interativo apresenta as diversas manifestações culturais que utilizam o pandeiro pelo Brasil, além de uma biblioteca especializada, batizada em homenagem a Alfredo de Alcântara, do célebre grupo Oito Batutas. Inclusive, é dele o primeiro registro do pandeiro na imprensa brasileira, numa matéria sobre a banda publicada pelo Correio da Manhã, em 1927.

SERVIÇO

PANDEIROS DO BRASIL

Casa do Pandeiro (Travessa do Ouvidor, 36 - Centro) | De segunda a sábado (10h às 17h), exceto quartas (10h às 20h)